

TRABALHADORES INFORMAIS

CRISTINA GNAZZO DE SOUSA (AUTOR)

ESTELA WILLEMANN (CO-AUTOR)

O trabalho informal é consolidado nos primórdios da introdução do sistema capitalista de produção, sendo composto pelo chamado “exército industrial de reserva”, nomeado por Marx; acentuando as expressões da questão social advindas da contradição capital x trabalho. A precarização do mundo do trabalho, provoca intensas mudanças nas condições de vida e de trabalho da população refletindo na ausência de direitos e agravamento das desigualdades sociais.

O trabalho informal torna-se a “saída” para esses trabalhadores desempregados, que não possuem uma formação valorizada pelo mercado de trabalho e que na busca em ser um cidadão consumidor, se alienam, não considerando os prejuízos subsequentes.

Ao contrário do que se tem alardeado sobre o fim do Trabalho e do Capitalismo, o que será demonstrado neste estudo é que o Capitalismo, na verdade, através das decisões políticas de homens reais, tem cada vez mais acirrado suas práticas de exploração do Trabalho Humano. Este, o trabalho, também continua vivo e vivido por homens/trabalhadores reais, cada vez mais informais, cada vez mais submersos, cada vez mais precarizados, mas sobreviventes, produtores, reprodutores e transformadores de realidades, de histórias de vida; homens que se relacionam com o seu meio, que desenvolvem estratégias de vivência e sobrevivência e fazem a realidade - material e simbólica – existir (ALVES, 2000).

Este estudo se propõe a analisar os reflexos destas diversas transformações no mundo do trabalho a partir de seu impacto sobre o mercado de trabalho. Mais precisamente, este trabalho tem como objeto de estudo um determinado segmento de trabalhadores que tenham exercido um trabalho tipicamente formal e que, atualmente, estejam exercendo uma atividade informal. Obteve-se como apontamentos relevantes o

cortejamento das categorias: Sistema Capitalista, Ontologia do Ser Social. Alienação e Trabalho Informal.

SISTEMA CAPITALISTA

Max Weber, em seu livro: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, relata que o capitalismo e as empresas capitalistas existiram em todos os países civilizados do planeta, até onde a documentação econômica nos permite avaliar: na China, Índia, Babilônia, Egito. O comércio entretanto, consistiu numa espécie de empreendimento individuais e foi só gradualmente que tais atividades adquiriram uma coerência interna com a urbanização.

Contudo, todas as peculiaridades do capitalismo Ocidental derivam apenas de sua associação com a organização capitalista do trabalho. De fato, sem a organização capitalista do trabalho, tudo isso, até onde foi possível, não teria o mesmo significado, quanto à estrutura social e todos os problemas específicos ocidentais atuais que daquela derivam. O cálculo exato, só é possível se baseado no trabalho livre. A forma especial do moderno capitalismo, teria sido fortemente influenciado pelo desenvolvimento das possibilidades técnicas (IAMAMOTO,1995).

O trabalhador era dono exclusivamente de sua força de trabalho que era vendida ao comerciante burguês como uma mercadoria em troca de um salário. Tudo era decidido por uma pessoa ou por um grupo de pessoas. O trabalhador não conhecia todo o processo produtivo, conhecia apenas sua função neste processo.

Nos primórdios do liberalismo, no século XIX, existia um claro componente transformador nessa maneira de pensar a economia e a sociedade: tratava-se de romper com as amarras parasitárias da aristocracia e do clero, do Estado absoluto, com seu poder. O cenário de uma burguesia já hegemônica do ponto de vista econômico, mas não consolidada como classe politicamente dominante, propicia o antiestatismo radical presente no pensamento de um Adam Smith e em seu direcionamento ao mercado como mecanismo natural de regulação das relações sociais. (BEHRING e BOSCHETTI, 2011).

Temos como alguns dos elementos essenciais do liberalismo: o predomínio do individualismo, o bem-estar individual maximiza o bem-estar coletivo, predomínio da liberdade e competitividade, naturalização da miséria, predomínio da lei da necessidade,

manutenção de um Estado mínimo, as políticas sociais estimulam o ócio e o desperdício e a política social deve ser um paliativo.

A chegada da crise de 1929, fez com que o liberalismo fosse colocado em xeque, instaura-se a revolução socialista, uma forte crise econômica, com desemprego em massa e questiona-se a legitimidade política do capitalismo. As soluções para essa crise se darão no sentido de reativar o emprego e o consumo.

O capitalismo administrou a crise do início dos anos de 1970, por meio de limitadas estratégias de reanimação monetária. Ela é a consolidação de dificuldades crescentes de realização da mais-valia socialmente produzida, o que gera superprodução associada à superacumulação. Portanto, pelo encontro de crises clássicas de superprodução, contenção brusca dos rendimentos tecnológicos, crise do sistema imperialista, crise social e política nos países imperialistas. A crise de credibilidade do capitalismo, enquanto sistema capaz de garantir o pleno emprego, o nível de vida e as liberdades democráticas; formou-se a crise do capitalismo maduro (IAMAMOTO, 2003).

Os trabalhadores são os que mais sofreram impactos, pois na onda larga depressiva, caracterizada como acumulação desigual o salário real permanece constante ou fracamente crescente, o que significa que os ganhos de produtividade são apropriados como mais-valia e a parte do salário tende a baixar. Assim os trabalhadores produzem mais, com poder de compra estagnado.

Os anos de 1980 foram marcados por uma revolução tecnológica e organizacional na produção, tendo como a corrida tecnológica em busca do diferencial de produtividade do trabalho, como fonte de superlucros, cuja principal característica é a geração de um desemprego crônico e estrutural.

Qualificados por muitos como um período em que o trabalho perdeu a sua centralidade, fato é que os anos que se seguiram à década de 1980 são palco de um processo de restauração capitalista, assentada na: redefinição das bases da economia-mundo através da reestruturação produtiva e das mudanças no mundo do trabalho e na ofensiva ideopolítica necessária à construção da hegemonia do grande capital. Estava evidenciada a emergência de um novo imperialismo e de uma nova fase do capitalismo, marcada pela acumulação com predomínio rentista (IAMAMOTO, 2007).

A desregulamentação, iniciada na esfera financeira, invade o conjunto do mercado de trabalho e todo o tecido social, na contratendência das manifestações do crescimento lento e da superprodução endêmica, que persiste ao longo dos anos de 1990.

Para solidificação desse novo regime: verifica-se que grande parte da classe operária e assalariados estão perdendo seus empregos, que perdem uma série de benefícios e são lançados na informalidade ou no desemprego e também há uma redução dos postos de trabalho. O desemprego estrutural, com a diminuição dos lugares possíveis onde as pessoas possam exercer alguma função útil à sociedade e que garanta algum reconhecimento público.

No capitalismo, não basta produzir valor, para que o capital reproduza-se constantemente, é indispensável a produção de um mais-valor. A mais-valia é a forma capitalista de produção de mercadoria. É a forma social de que se reveste o trabalho humano. Como valor, o trabalho é considerado de um ponto de vista abstrato.

Portanto, a valorização da mercadoria se dá no âmbito de sua produção. Não é no âmbito da compra e da venda de mercadoria que se encontra a base do lucro dos capitalistas, nem para a manutenção do sistema capitalista, ao contrário, a valorização da mercadoria segundo Marx, se dá no âmbito de sua produção.

ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

Marx ao falar de sobrevivência, não trata somente da sobrevivência do homem como indivíduo, como unidade biológica que precisa satisfazer necessidades básicas, fala, também, e essencialmente de uma sobrevivência social do homem. Para Marx, a sobrevivência física do homem é também a sobrevivência social.

O trabalho é esta atividade da qual o homem interfere no mundo produzindo coisas para satisfazer necessidades básicas, produzindo novas necessidades que exigem novas coisas e novas realidades, produzindo matéria e ideia. Em qualquer contexto histórico, o trabalho, é aquilo que mantém o homem vivo enquanto corpo biológico e enquanto ser social.

O homem ao realizar trabalho, produz realidade e esta realidade é deixada de herança para várias gerações que se sucedem na história. A forma como estas gerações vão se relacionar com o trabalho, vai ser profundamente determinada pela realidade que

herdaram das sociedades anteriores. Mas cada geração também age e interfere no seu meio podendo modificá-lo, assim a história acontece.

O homem está acima do reino animal por ter a capacidade de produzir bens materiais por meio da natureza.

No processo de trabalho o homem, não se limita às condições que a natureza oferece, pelo contrário, é através do trabalho que ele transforma a natureza de acordo com suas necessidades.

Segundo Antunes (2000), nesse processo de transformação da natureza o ser humano modifica a si mesmo, no sentido de estar sempre descobrindo e superando suas limitações. O trabalho transforma o homem, pois exige dele raciocínio, planejamento, previsão das possíveis dificuldades, além de exigir que ele acumule conhecimento.

Foi pela transformação da natureza através do trabalho e pela acumulação do conhecimento que a vida social foi possível.

O trabalho é, por isso considerado como modelo “fenômeno originado”, protoforma do ser social. O simples fato de que no trabalho se realiza uma posição teleológica, o configura como uma experiência elementar da vida cotidiana, torna-se deste modo um componente inseparável dos seres sociais (ANTUNES, 2000: 91)

Para entendermos a ontologia do ser social, torna-se primordial conhecermos as relações sociais determinadas pelo modo de produção capitalista, das quais assinalam que o homem se forma a partir de suas condições materiais, ou seja, forma-se na objetividade do trabalho.

De acordo com Mészáros,

“O indivíduo real, no entanto que se encontra na esfera ontológica na qual é inserido, é um “ser numenal” na medida em que sua sociabilidade é inseparável dele, em princípio. Mas, na prática a separação ocorre: por meio da alienação e reificação das relações sociais de produção.” (MÉSZÁROS, 2006: 254).

Portanto através da perspectiva ontológica, a autoconstrução do homem é através do trabalho, isto é a forma concreta. No texto de Mészáros (2006), ele cita que Marx

coloca a determinação das relações humanas no complexo social pelo valor dos produtos do trabalho.

Ainda segundo Mészáros (2006), o trabalho é a propriedade ativa do homem; em outros termos, o trabalho deve ser reconhecido como o centro da ontologia do ser social porque todas as demais formas de atividade humana dependem fundamentalmente da capacidade de nossa espécie de prover sua subsistência.

De acordo com Giovanni Alves, o novo sujeito social, o cidadão, não é mais o sujeito possuidor de direitos e sim o cidadão consumidor.

Uma das estratégias de administração com impacto direto na morfologia social da sociedade burguesa e na subjetividade do homem-que-trabalha, é a manipulação do consumo. A grande indústria desdobra-se em produção da manipulação no plano da totalidade social. Trabalhador assalariado é consumidor, onde o “é” acusa um juízo de devir (Trabalhador assalariado “torna-se”/interverte-se em consumidor) (ALVES, 2007).

ALIENAÇÃO

O desenvolvimento do mundo dos homens é fundado pelo trabalho. O trabalho humano é central na obra de Marx para a compreensão da realidade social; portanto sendo, a capacidade do homem de se relacionar com a natureza e com seu meio, transformando, alterando ou conservando a realidade pra produzir bens no intuito de garantir a sua possibilidade de produção e reprodução e assim garantir sua sobrevivência (MARX, 1988).

O homem real para Marx é um homem longe de sua essência. Era um homem que em vez de ter uma relação positiva com aquilo que produz, isso se opõe de tal maneira que a produção é fruto da destruição deste homem frente a ele mesmo e à sociedade que o acolhe. Como demonstrado pelo próprio Marx:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, (...) A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica. (MARX, 2006:111-112)

Segundo Mészáros, Marx em sua obra Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844 (manuscritos de Paris), desenvolve o conceito de alienação e fala sobre a complexidade desse conceito-chave em quatro aspectos principais: o homem está alienado da natureza, está alienado de si mesmo (de sua própria atividade), de seu ser genérico (de seu ser como membro da espécie humana) e o homem está alienado do homem (dos outros homens). (MÉSZÁROS, 2006)

O homem estar alienado da natureza, expressa a relação do trabalhador com o mundo sensível exterior, com os objetos da natureza (estranhamento da coisa). O segundo aspecto, *“é a expressão da relação do trabalho com o ato de produção no interior do processo de trabalho (auto-estranhamento)”*.

O terceiro aspecto está implícito nos dois primeiros, a alienação do homem com relação ao seu ser genérico – onde o objeto de trabalho é a “objetivação da vida da espécie humana”. Neste terceiro aspecto Marx levou em consideração os efeitos da alienação do trabalho, tanto como “estranhamento da coisa, como auto-estranhamento”. (MÉSZÁROS, 2006).

No quarto aspecto; Marx está considerando o “estranhamento da coisa” e o “auto-estranhamento”, tendo em vista a relação do homem com outros homens. Como nos diz Marx:

(...) uma consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do produto do seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o estranhamento do homem pelo [próprio] homem. Quando o homem está frente si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O que é produto do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem. (MARX apud MÉSZÁROS, 2006:21)

Ainda segundo Mészáros (2006), o conceito de alienação de Marx compreende *“as manifestações do estranhamento do homem em relação à natureza e a si mesmo, de um*

lado, e as expressões desse processo na relação entre homem-humanidade e homem e homem, de outros". (MÉSZÁROS, 2006:21).

A necessidade de produzir bens vai de acordo com a realidade cultural, política, econômica e social de cada sociedade em seus momentos históricos específicos.

O homem, ao realizar trabalho, produz realidade e esta realidade é deixada de herança para várias gerações que se sucedem na história.

Segundo Lessa (1999), com a agricultura e a pecuária, pela primeira vez na história os homens passaram a produzir mais do que necessário para sua sobrevivência. A partir deste desenvolvimento, a sociedade estava - entre duas classes: a que trabalha e produz a riqueza que será apropriada pela outra classe. *"Com isto surge o trabalho alienado, ou seja, o trabalho cuja razão de ser não mais é a necessidade do trabalhador, mas sim o desenvolvimento da riqueza da classe dominante"*. (LESSA, 1999:28)

O trabalho alienado se caracteriza de uma classe que vive do trabalho da outra. Com a alienação do trabalho, a reprodução social passa a conhecer uma nova categoria. O homem passa a desdobrar relações sociais de exploração, assim permite que uma classe viva do trabalho da outra, ou seja, processo social de desumanidade. *"A alienação nada mais é que isto; a desumanidade socialmente produzida pelos próprios homens"*. (LESSA, 1999:28)

Os homens aumentam a sua capacidade de produzir os bens necessários à sua sobrevivência, despendendo um tempo cada vez menor de trabalho com esta finalidade. Este é o desenvolvimento das forças produtivas; *"compostas por todas as potências humanas empregadas na produção dos bens indispensáveis à reprodução de uma dada sociedade"*. (LESSA, 1999:28)

O desenvolvimento das forças produtivas amplia a capacidade de os homens produzirem desumanidades e este aspecto compõe o complexo social denominado de alienação. Contextualizando, essa produção de desumanidades, ocorre na sociedade capitalista; que tem como base a propriedade privada, a herança e a acumulação de capital por alguns em detrimento da exploração de mais-valor daqueles que, apenas tem sua força de trabalho para vender em troca de um salário, como se fosse uma mercadoria.

Marx não dissociava a força produtiva da essência humana, pelo contrário, o homem para satisfazer suas necessidades criou um sistema complexo envolvendo sua atividade de produção. (MÉSZÁROS, 2006)

O trabalho se transforma com o desenvolvimento das relações de exploração do homem pelo homem. O desenvolvimento das técnicas e métodos de organização da produção, dos conhecimentos e principalmente o desenvolvimento de formas novas de trabalho.

Portanto em uma sociedade cuja reprodução se baseia na exploração do homem pelo homem, ele deixa de ser a expressão das necessidades do trabalhador para expressar as necessidades de acumulação de riqueza da classe dominante, na sociedade do capital. (LESSA, 1999)

Na sociedade do capital, o trabalho passa a ser a expressão de uma escolha feita por um indivíduo e levada a prática por outro; assim a única forma de o trabalhador sobreviver sob o capital é vender sua força de trabalho.

O trabalho assalariado, portanto não pode deixar de ser um trabalho alienado, independente do valor do salário. Ele implica a submissão forçada do trabalhador às necessidades de reprodução ampliada do capital. E como as necessidades de ampliação do capital requerem que o trabalho seja cada vez mais explorado, não há como uma sociedade pautada na relação capital/trabalho assalariado se transformar em uma sociedade não-alienada – a não ser, claro, que supere o próprio capital. (LESSA, 1999:29)

A esta forma assumida pela atividade humana sobre sua realidade chamou-se capitalismo e é nesta realidade que os homens estão mergulhados.

O trabalho informal do século XX é mais uma forma histórica assumida pelo trabalho humano. O trabalho informal é capitalista, no sentido de que existe para servir ao sistema; pois pode ser visto como um produtor indireto de mais-valia, já que se trata de uma espécie de alienação disfarçada, em que o trabalhador paga o seu próprio salário enquanto escoar as mercadorias do capitalismo.

TRABALHO INFORMAL

O trabalho informal é algo relativamente antigo, datando dos primórdios da Revolução Industrial. Marx n'O Capital (vol.1), denominou a quarta seção do capítulo 23 de "Diversas formas de existência da população relativamente excedente". Ela é relativamente excedente porque excede momentaneamente as necessidades do capital, ou seja, a procura por mão- de- obra das empresas. É uma reserva móvel de trabalho, sempre disponível às empresas quando estas querem expandir rapidamente o número de empregados. Marx chamou esta parte da população excedente de "líquida".

Uma segunda parte da população excedente, segundo Marx, é a "latente", formada pelos moradores do campo que estão em vias de serem expulsos da agricultura e desejam partir para a cidade.

A terceira categoria da população relativamente excedente, a "estagnada", forma parte do exército ativo do trabalho, mas com ocupação inteiramente irregular. Ela oferece assim ao capital uma fonte inesgotável de força de trabalho disponível. Seu padrão de vida cai abaixo do nível normal da classe trabalhadora e é exatamente isso que a torna uma ampla base para ramos de exploração específico do capital. Caracterizam-na de o máximo tempo de trabalho e o mínimo de salário.

O "trabalho informal" corresponde ao segmento estagnado da população excedente que Marx tinha diante dos olhos; em Londres, 1865-1866. Trata-se do exército industrial ativo e não de reserva. Os trabalhadores informais já desistiram de procurar emprego, eles saem à luta, tentando ganhar a vida de qualquer jeito.

Em decorrência da baixa escolaridade e outros agravantes juntamente com as políticas neoliberais, na década de 1990, fez com que a informalidade tivesse um crescimento significativo. Devido ao fechamento de diversas empresas e com a privatização de outras o desemprego se fez presente nesta década, com a crise instalada muitos trabalhadores não conseguiram retornar ao mercado de trabalho.

Ao acompanhar a economia internacional para garantir o crescimento interno, o Estado aderiu à política neoliberal para iniciar seu processo de industrialização e urbanização. Grandes mudanças ocorreram na sociedade e na economia brasileiras, provocadas com a implantação da política neoliberal: o aumento da dívida externa, das

privatizações e do desemprego. O que contribui para o aumento da desigualdade social e consequentemente o aumento da pobreza.

A falta de oportunidade de trabalho para as pessoas mais pobres tem como origem as desvantagens em termos de educação e capacitação. Essa situação coloca o indivíduo à margem da sociedade e impulsiona a encontrar outros meios para garantir sua sobrevivência.

A falta de flexibilidade das leis, a alta tributação ao se contratar um funcionário e a ineficácia do governo para punir empresas com profissionais sem registro em carteira são os principais fatores que estimulam a informalidade trabalhista no Brasil.

Como aparato jurídico – legal, temos o Empreendedor Individual que possibilitará a onze milhões de pessoas de todo o país, que trabalham de forma autônoma no comércio, na indústria e nas prestações de serviços, dentre 170 ocupações a se formalizarem. Este programa tem como instrumentalidade a inclusão social, o acesso à proteção previdenciária e as políticas públicas.

O EI (Empreendedor Individual) é financiado pelo governo federal, e tem o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE – como um parceiro fundamental na idealização do mesmo.

Os fatores que levam homens e mulheres a se inserirem no mercado informal são distintos. Os homens se inserem porque não conseguem lugar no mercado formal e precisam trabalhar para sustentar a si próprios e sua família. Enquanto as mulheres encontram no mercado informal uma forma de aumentar a renda familiar (ALVES, 1999).

Grande parte dos empreendimentos informais funcionam no domicílio do proprietário, que emprega pessoas que fazem parte do círculo de convivência, como parentes, amigos, vizinhos e filhos, formando assim, uma espécie de empresa.

Com a chegada de datas comemorativas, as vendas no comércio tem um crescimento considerável, pois os consumidores com menor poder aquisitivo se dirigem para comprar mercadorias com preços mais acessíveis devido o não pagamento de tributos trabalhistas, aluguel e outras despesas que sempre são acrescentadas ao valor final do produto, assim não encarecendo na hora de sua venda (ALVES, 1999).

A globalização provoca essencialmente desemprego estrutural, pois quando há substituição de produtos nacionais por importados, milhões de postos de trabalho são fechados e os trabalhadores não têm pronto acesso aos novos postos abertos com as atividades de exportação. Portanto, a globalização seria responsável pela deteriorização e precarização do trabalho, mais do que pela redução dos níveis gerais do emprego (ALVES, 1999).

Na medida em que ampliou-se as atividades informais, intensificou-se também, a não contribuição previdenciária. O principal argumento para justificar este fato é a instabilidade nos ganhos dos trabalhadores informais. Grande parte desses trabalhadores não exerce outras funções, tendo esta como única fonte de renda.

Uma parte dos trabalhadores se culpa por não fazer parte do mercado formal e assinala alguns fatores que cooperam para sua própria exclusão, como a idade, a falta de experiência e o baixo nível de instrução, assim o trabalhador informal toma para si a responsabilidade pela situação do desemprego que vivencia.

Segundo Marx, o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa; é o real reproduzido e interpretado no plano ideal (NETTO, 2010).

Como afirma Marx, a história das sociedades é a história da luta de classes e seus paradigmas sociais. Pra Marx, o trabalho não deve ser a angústia do trabalhador frente ao seu mundo mas, sobretudo a sua libertação criativa de produção do trabalhador.

METODOLOGIA

O método utilizado para a pesquisa foi o materialismo histórico, implicando na discussão dos determinantes, na conjuntura do capital, acerca da subordinação dos trabalhadores frente ao processo acumulativo do capitalismo predatório; as condições na esfera do trabalho informal; nas diversas manifestações das expressões da questão social; as mudanças ocasionadas no processo de trabalho e as devidas implicações na vida e no trabalho dessa categoria de trabalhadores informais.

Todos estes determinantes, despertaram diversos questionamentos que impulsionaram, a partir de uma ótica crítica, desvelar o universo dessa categoria de trabalho, através da falta de regulamentação, refletindo na ausência de direitos trabalhistas.

Segundo Marx:

(...) Não é o que se faz, mas como e os meios de trabalho que se faz, é o que distingue as épocas econômicas. Os meios de trabalho não são só mediadores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humano, mas também indicadores das condições sociais nas quais trabalham. (MARX, 1988:151)

Neste trabalho foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: a observação, através da pesquisa de campo – com as condições de existência da classe que vive do trabalho; 16 entrevistas semi - estruturadas com trabalhadores informais; análise documental de documentos oficiais públicos, revisão bibliográfica e retrato sociológico.

ANÁLISE DE DADOS

Os dados aqui analisados foram retirados de 16 entrevistas semi-estruturadas, realizadas na segunda metade do ano de 2013, no Calçadão de Campo Grande, bairro do Rio de Janeiro.

Dos aproximadamente 80 trabalhadores existentes de rua do Calçadão de Campo Grande, a amostra foi de 16 trabalhadores, ou seja, 20% do total. Estes, afirmam que tiveram um trabalho anterior em que eram empregados com carteira de trabalho assinada. Este dado, é muito expressivo, já que deixa evidente que a presença destes trabalhadores informais se faz forte, em atividades tidas como tradicionais nas ruas de Campo Grande; os vendedores ambulantes ocupam as calçadas do bairro. A realidade das ruas mostra cada vez mais os trabalhadores deixando os espaços de trabalho entre quatro paredes, o lócus do trabalho formal, como as lojas, bancos, indústrias etc. para tentar continuar garantindo a sua sobrevivência do lado de fora dos muros do emprego formal.

RETRATO SOCIOLÓGICO

A presente análise busca apreender as relações sociais implicadas na criação e condução da nova perspectiva da categoria trabalho deste grupo de trabalhadores antes envolvidos com o mercado de trabalho formal. Como estratégia de análise dos dados optamos por traçar, a partir da história de vida destes trabalhadores informais, um retrato sociológico. A apreensão dos significados e a tradução de transformações sociais mais amplas sobre o universo local é o nosso objeto de análise.

Em um primeiro momento, a análise foi direcionada a apreensão de como a categoria trabalho se revela na universalidade, fazendo um perfil geral destes trabalhadores informais entrevistados.

Realizando um perfil destes trabalhadores informais do calçadão de Campo Grande, podemos começar analisando a grande variedade de produtos e atividades que são realizadas nestas ruas.

Um primeiro ponto a ser tratado é que, em se tratando de trabalhadores de rua, esta análise mostra que, se por um lado a nova dinâmica econômica vem alimentando a informalidade com ex-assalariados de melhor qualificação que formam pequenos negócios, a maioria dos entrevistados são ex-assalariados que se inserem na informalidade em atividades bastante precárias.

Neste sentido, deve-se desfazer o mito de que a informalidade é o paraíso para os ex-assalariados, deve-se desfazer o mito de que na informalidade estes trabalhadores aplicam suas economias e ingressam em atividades estáveis e com rendimentos satisfatórios.

O que tem que ser levado em conta sobre estes trabalhadores é que a maioria deles tinham um trabalho formal, com direitos trabalhistas e proteções sociais e, ao ficarem desempregados, ingressam em uma atividade que torna suas vidas mais precárias.

São trabalhadores cuja experiência anterior não lhes serve para nada, que não conseguem dar continuidade em suas carreiras e que, portanto, têm dificuldade de pensar em prosperar no futuro.

Trata-se de um perfil de trabalhadores bastante heterogêneo, cujas atividades, os produtos e serviços oferecidos variam constantemente, dependendo da mídia, da moda, da estação do ano, das condições do comércio, ou seja, de todo um contexto que atenda a sociedade de consumo, imposta pelo capitalismo dependente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhadores estabelecidos em empregos formais são lançados na informalidade via transformações ocorridas no mercado de trabalho devido à implantação de políticas neoliberais, abertura da economia, reestruturação produtiva e etc.

O trabalhador informal, este que vem de um trabalho formal não entra neste novo trabalho para inovar ou auferir altos ganhos. Os entrevistados nesta pesquisa, trabalham uma média muito maior do que as 8 horas habituais de um emprego formal para ter uma renda de miséria e é observada a precarização de suas condições de vida e de trabalho advinda com a acumulação flexível.

São trabalhadores tornados excluídos dos espaços privilegiados do que ainda restou de uma organização de trabalho Fordista, são trabalhadores jogados fora do emprego, imersos numa nova realidade, que exige deles uma nova forma de organizar seu tempo, redefinir seus gastos, reconfigurar padrões de consumo, desenvolver uma nova relação de trabalho e, enfim, mergulhar numa nova forma de organizar e gerir suas vidas. Os números vão mostrar um conjunto de trabalhadores excluídos do emprego, dos benefícios sociais, da estabilidade, mas mostrarão um conjunto de trabalhadores incluídos no desemprego, na precarização e na instabilidade, trabalhadores incluídos, sim, em um sistema que cada vez mais necessita da existência destes trabalhadores informais que engrossam a cada dia o contingente do Exército Industrial de Reserva tão necessário para a produção e reprodução do Capital.

Estes trabalhadores estão duramente subordinados a uma lógica de acumulação que controla o seu tempo, não lhes permite adoecer ou tirar folga, condena-os a uma jornada de trabalho como as dos primórdios do capitalismo, precariza suas condições de vida, lhe restringe o consumo, reduz seus ganhos e não lhes dá qualquer possibilidade de pensar para si um futuro diferente, que os tire desta condição.

Além destas características mais subjetivas, estes números mostram, também, como o chamado setor informal está subordinado à lógica da acumulação capitalista por diversas vias complementares: primeiro, alimentando o capital através da sua existência enquanto exército de reserva, participando ativamente da reprodução da força de trabalho disponível; segundo, sendo alimentado pelo capital, já que são as pessoas diretamente exploradas pelo capital, os assalariados, que consomem as mercadorias e serviços produzidos pelo mercado informal, possibilitando desta forma seu escoamento e circulação; terceiro, que este setor informal também é alimentado pelo setor formal no que diz respeito à mão de obra; quarto e último, pode-se observar uma crescente utilização de recursos e rendas acumuladas em atividades formais para o emprego nas atividades informais. (ALVES, 1999)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Giovanni. **Trabalho e mundialização do capital**, a nova degradação do trabalho na era da globalização. 2ª edição – Londrina, Bauru: 1999.

_____. **O novo (e precário) mundo do trabalho – São Paulo**: Boitempo, 2000.

_____. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª edição – Londrina; Bauru: canal 6, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Os modos de ser da informalidade**: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? In: Revista Praia Vermelha, v. 20, n. 1. (2010).

BEHRING, Elaine Rossetti. BOSCHETTI, Ivanete: **Política social**: Fundamentos e história- 5 ed.- São Paulo: Cortez, 2011 – (biblioteca básica de social; v. 2)

IAMAMOTO, Marilda V.O **Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**, São Paulo, Ed. Cortez, 1995.

LESSA, Sérgio. **O Processo de produção /reprodução social, trabalho e sociabilidade**, Brasília, CEAD, 1999.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 3. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **O capital: crítica da economia política**. Livro primeiro, vol. I e II. Trad. Reginaldo Sant Anna. 17ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MÈZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**; São Paulo, Boitempo, 2006.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós- 64** – São Paulo: Cortez, 2010.

WEBER, MAX, **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo, Ed. Pioneira, 1989.

WEBLIOGRAFIA

Biblioteca Sebrae. Consultado em:

[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/be76a0d0f1ecbeff832574b0004bc066/ef0de1f8a377e1eb83257818005aebee/\\$FILE/Trabalhador%20Informal.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/be76a0d0f1ecbeff832574b0004bc066/ef0de1f8a377e1eb83257818005aebee/$FILE/Trabalhador%20Informal.pdf) Pesquisa SEBRAE

Acessado em 15 de setembro de 2013 às 21:15h.

Giovanni Alves blog. Consultado em:

<http://www.giovannialves.org/pesquisa.htm> Acessado em 21/03/2013 às 22:35h.

IETS. Consultado em:

http://www.iets.org.br/biblioteca/O_sentido_do_trabalho_informal_na_construcao_de_alternativas_socioeconomicas_e_o_seu_perfil_no_RJ.PDF Acessado em 24/04/2013 às 18:07h